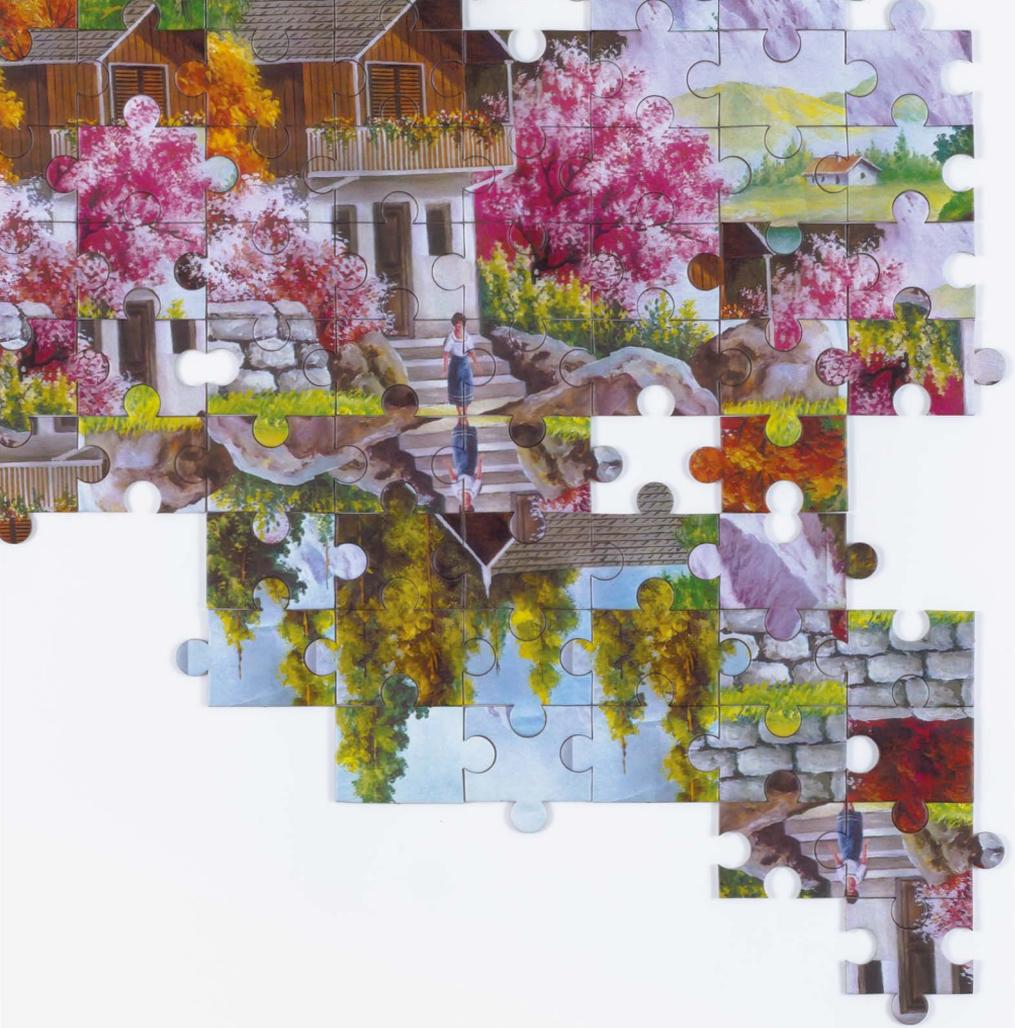


A bright pink piggy bank is perched atop a white, ornate classical column capital. The piggy bank is shown in profile, facing right, with a large, dark eye and a small, curled tail. The background is a solid, vibrant yellow.

SANDRO KA

tanto barulho por nada



SANDRO KA

tanto barulho por nada

curadoria Ana Albani de Carvalho
apresentação Carlos Trevi

Porto Alegre, 24 de agosto a 24 de setembro de 2017.
Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli - MARGS



Menina, 2017
Gesso e plástico
50 x 25 x 20 cm
Coleção particular

Sandro Ka e seus jogos afetivos

Carlos Trevi
gestor cultural

Sandro Ka nasceu Sandro Ouriques Cardoso em 28 de julho de 1981, na cidade de Porto Alegre, RS. Aos vinte anos, decidiu mudar sua assinatura. Reduziu o sobrenome para o sonoro Ka, como um estalo, um estampido, um sobrenome para alguém com poderes super.

Filho dos gaúchos Sandra Ouriques e José Bragatto Cardoso, recebeu da mãe a versão masculina do nome e do pai a intenção malograda de homenagear o avô, Ismael. Brasileiro na essência, Sandro é herdeiro da mistura de índios, africanos e europeus. Recebeu dos pais o estímulo ao desenho e da mãe a aptidão para o ofício. Aos três anos de idade, já era reconhecido pela habilidade no traço, sendo orientado a se inscrever num curso de artes tão logo iniciou o jardim de infância. Na pré-adolescência, participou de um curso de história em quadrinhos neste mesmo museu que abriga, em suas *Salas Negras*, a mostra *Tanto barulho por nada*. Na primeira sala, figuram representativos trabalhos da sua produção tridimensional e, na segunda, sua pesquisa recente: as instigantes paisagens impressas em jogos quebra-cabeças.

Além do desenho, suas paixões de infância sempre ocuparam o lugar da fantasia, do jogo e do faz de conta. Quadrinhos, super-heróis, personagens de desenhos animados: tudo o fascinava. Um fascínio que vinha no rastro da cultura pop, da TV, da produção em escala industrial, do acúmulo, do preservar e do colecionar. Entre as brincadeiras de criança, os jogos do guardar, cuidar, exibir, reunir peças, montar novos cenários e novas possibilidades eram constantes.

A descoberta dos *toys* surgiu quando começou a aprofundar seus conhecimentos sobre artistas, a arte e todas as suas possibilidades contemporâneas, permitindo-se subverter materiais e oferecendo novos usos para objetos do cotidiano. Alfredo Nicolaiewsky, Bianca Knaak, Eleonora Fabre, Lia Menna Barreto, Nelson Leirner e Walmor Corrêa são alguns dos artistas e pesquisadores que influenciaram o olhar de Sandro Ka, evidenciados no seu dizer: “os quais eu queria ser, me filiar, estabelecer vínculos”. A partir daí, como repertório imagético, seu movimento é direcionado para a cultura popular e para a cultura de massa e, nas suas criações, a apropriação tornou-se procedimento de ação enquanto a ironia estabeleceu-se como uma linguagem constante.

Seus trabalhos encantam à primeira vista, pois são carregados da afetividade que, até inconscientemente, temos com relação a tudo o que nos rodeia. Brinquedos, peças de gesso, bolinhas de plástico, porta-joias, miniaturas, reproduções: os mais diversos objetos interessam ao artista,

são poeticamente vistos “como um convite para uma conversa, para o estabelecimento de novas relações”. São relações únicas, individualizadas, atentas às peculiaridades específicas que cada objeto carrega em si, ainda que fabricado industrialmente em milhares de cópias.

Como novas experiências, surgem os quebra-cabeças: apresentados ineditamente nesta exposição, marcam o início de suas recentes investigações. São quebra-cabeças de imagens comuns, familiares. Imagens que convocam e deslocam o espectador para outros lugares. Lugares da memória. Dezenas de lugares com os mesmos atributos e elementos que parecem se fundir em um só. Um jogo de memórias para jogar com as lembranças. Um jogo dentro do jogo. Um jogo de composições infinitas, tal qual uma explosão artificial, que apenas alguém com poderes super pode reunir para formar uma imagem original, única, contemporânea, mas carregada do afeto que nos conforta. Um jogo Sandro Ka.

Reconhecimento II, 2017

Louça

13 x 29 x 12 cm







Nonsense, 2013
Gesso e borracha
14 x 15 x 10 cm

Tanto barulho por nada

Ana Albani de Carvalho
curadora

Um dos pilares fundamentais do edifício conceitual moderno se sustenta no mito que associa arte à seriedade, sobriedade, ausência de ornamentos considerados supérfluos e à apresentação sincera dos procedimentos e materiais – como signos de verdade, densidade expressiva e amplitude da experiência estética. No campo da arte, o vulcão despertado pelas tensões da vida social contemporânea cobriu de cinzas e de fumaça as paredes outrora brancas e imaculadas dessa estrutura modernista, agora expostas como carcaça e ruína. Ao mesmo tempo, abrem-se as fronteiras entre os territórios consagrados às artes, às ciências, à indústria cultural, em processos de mestiçagens quantos aos temas, aos procedimentos e aos vínculos com o mercado.

Na arte contemporânea, mais precisamente, diferentes propostas jogam com o humor e a ironia como estratégias para atizar a brasa do pensamento crítico, seja no espectador, seja na instituição que acolhe a obra e a exposição. Em *Tanto barulho por nada*, Sandro Ka lança mão dessa poderosa ferramenta e propõe jogos de montagens que, propositalmente, ferem as regras estéticas do “bom-gosto” e as definições convencionais para o que entendemos como “obra de arte”. Estatuetas de gesso e porcelana,

bonequinhos de plástico: são objetos diversos que podemos encontrar em qualquer loja – *made in China* – de qualquer cidade, que constituem o repertório explorado pelo artista.

A interação e os cruzamentos entre diferentes áreas da cultura visual contemporânea e o curto-circuito entre o popular e o erudito observado nos trabalhos de Sandro Ka não eliminam a necessária atenção ao debate intrínseco à história da arte. Seus procedimentos fundam-se nos princípios da apropriação, na esteira do *ready-made* dadaísta e nos marcos da Pop Art, tendo a estratégia da *assemblage* como fio condutor dos trabalhos reunidos nessa exposição. Convém lembrar que as montagens por *assemblage*, isto é, por combinação entre fragmentos, materiais e objetos de diferentes procedências em um território comum, configuram uma via crítica para a discussão sobre a linguagem da escultura e para a expansão dos seus limites enquanto categoria artística através da questão do objeto. O objeto, ao cruzar as fronteiras do campo artístico, coloca em cena o debate sobre a importância do fazer, do lado “artífice” do trabalho de arte, da marca da mão do artista como condição de autenticidade da obra. O paradigma da exclusividade da função estética também é convocado pela arte objetual, na medida em que o objeto traz a marca do utilitário e da realidade sociológica de suas funções enquanto mercadoria. No caso dos objetos e imagens escolhidos por Sandro Ka, de modo mais específico, a ideia de banalidade ou de lugar comum é agregada, o que conduz ao pensamento sobre o lugar e ao valor conferidos à Arte e à Cultura (assim mesmo, com iniciais em maiúsculas) pela sociedade contemporânea.

Por sua vez, o que um artista faz enquanto arte – a intencionalidade que guia suas opções por determinados materiais, procedimentos, linguagem, temas e conceitos – não busca direcionar, de modo fechado e direto, a recepção por parte do público espectador. Neste sentido, é possível considerar que a arte contemporânea opera com a noção de dissenso, apresentada pelo filósofo Jacques Rancière¹, como “uma organização do sensível na qual não há realidade oculta sob as aparências, nem regime único de apresentação e interpretação do dado que imponha a todos a sua evidência”. Importa mais desacomodar o olhar, a produção de sentidos, os lugares de poder sobre quem pode ou não determinar o que é arte, o que é belo, o que há de verdade ou ficção em cada narrativa e em cada narrador.

O procedimento de montagem, do qual Sandro Ka lança mão em seus objetos e quebra-cabeças, se converte em um “princípio de construção”. Nos termos pensados por Adorno, afirmar algo como construção equivale a colocar a ênfase na parte do processo e não na “unidade” que poderia resultar em um produto finalizado, no qual as diferenças terminariam aplainadas. A montagem que afirma o caráter de construção – seja das narrativas, seja do objeto – da imagem ou mesmo do lugar ocupado pelo espectador conduz a uma “síntese que se mantém pela evidência da diversidade” e das tensões entre os diferentes elementos que compõem cada peça exibida no recinto da galeria.

¹ RANCIÈRE, Jacques. O Espectador Emancipado. São Paulo: Martins Fontes, 2012, p.48.

As montagens apresentadas em *Tanto barulho por nada* ao mesmo tempo em que manifestam uma crítica implícita aos excessos da sociedade de consumo – e à sua lógica voraz, que a tudo transforma em espetáculo, em mercadoria e, em seguida, em esquecimento –, também reverberam em nossa memória afetiva. Em um (re)canto de nossas lembranças e de nossas gavetas, alguns desses objetos e imagens repousam, esmaecidos. São marcas de algum impulso que não soubemos – ou não desejamos – controlar. Na galeria do museu, recebem outra luz, novo brilho, outro estatuto: o de objeto do campo da arte. *Souvenir*, presente, fetiche, mercadoria, obra de arte: curto-circuito. Muito barulho por nada? Algumas artes podem ser fundamentalmente visuais, mas nem por isso serão “mais silenciosas”. Pelo contrário, fazem muito barulho, por tudo e por todxs.

Porto Alegre, inverno de 2017.

Impasse, 2017
Louça e borracha
35 x 16 x 40 cm





O Triunfo, 2016
Gesso e plástico
32 x 11 x 10 cm



O Triunfo, 2016
Gesso e borracha
31 x 10 x 13 cm



Nonsense, 2017
Gesso e plástico
44 x 28 x 18 cm

Distópico, 2017
Gesso e plástico
33 x 16 x 14 cm





Cupido e Veado, 2017

Louça e resina

13 x 22 x 13 cm





David, 2017
Gesso e plástico
40 x 21 x 17 cm

Multiculturalismo ou Made in Taiwan, 2015

Gesso e louça

17 x 14 x 9 cm

Coleção particular





Nonsense, 2017
Louça e borracha
18 x 10 x 10 cm

Natureza Morta, 2013
Gesso e borracha
26 x 14 x 8 cm



Histórias de virtude e sapiência, 2017

Louça e borracha

16 x 13 x 11 cm



A Idade do Homem, 2017
Borracha
17 x 14 x 9 cm



Vênus, 2015/2017
Borracha, metal e vidro
13 x 12,5 x 14 cm



A Razão, 2016
Plástico e madeira
10 x 9 x 16 cm





Série Market, 2017

Plástico, metal e madeira

Onça: 10,5 x 12 x 8 cm

Coruja: 7,5 x 12 x 8 cm

Cobra: 11 x 12 x 8 cm



Market, 2017

Plástico, metal e madeira

33 x 23 x 17 cm



Alice, 2016
Borracha e madeira
11 x 14 x 10 cm



Circus, 2017
Louça e borracha
14 x 16 x 10 cm





Sobre escadas, abismos e outras paisagens, 2017

Papel sobre base em acrílico

80 x 60 cm

Paisagem Comum

Sandro Ka
artista-pesquisador

A série intitulada *Paisagem Comum* integra minha recente pesquisa desenvolvida no curso de doutorado em Poéticas Visuais, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS. Propostos nas modalidades instalação e escultura/objeto, os trabalhos são elaborados a partir da combinação de múltiplas peças de quebra-cabeça que representam fragmentos de paisagens icônicas da cultura de massa. Em novas composições, essas imagens atualizam cenários presentes no imaginário comum por meio de lembranças compartilhadas.

Percebo tal investigação como um desdobramento de meu universo de interesses temáticos e processuais. Em trabalhos precedentes nas linguagens de desenho, objeto e intervenção urbana, a presença de elementos advindos da cultura popular e da indústria cultural já compunha meu repertório imagético de trabalho. A apropriação também já se estabelecia como um procedimento operatório central e a ironia era constantemente utilizada como figura de linguagem. Ainda, a imaginação infantil e a imaginária religiosa, bem como a citação de ícones da historiografia da arte e da cultura pop, sempre foram temas convocados

como referências explícitas para se questionar sistemas de crença, posicionamentos políticos, tradições e comportamentos. De modo geral, em minha prática artística, me interessa o estabelecimento de relações entre elementos advindos de contextos distintos com a intenção de estabelecer novas possibilidades de leitura. Nesses trabalhos, essa resignificação é proposta no campo da produção de novos sentidos, agregando valores simbólicos e de *status* a elementos cotidianos apresentados em inusitadas articulações.

A recente pesquisa se inicia a partir de experimentações com pôsteres adquiridos no Mercado Popular de Juazeiro do Norte, no Ceará, em 2015. Na ocasião, me deparei com uma variedade de imagens que povoavam minhas recordações: paisagens de lugares bucólicos com chalés, igrejas, castelos, cabanas, galinhas, cachorros, cisnes, riachos, lagos, árvores multicoloridas, pontes de pedra, trilhas de chão batido e longínquas montanhas nevadas ao fundo. Compõem cenários *kitsch* importados de uma estética eurocêntrica – quase impossíveis em nosso contexto em razão de nossas evidentes diferenças culturais, naturais e geográficas.

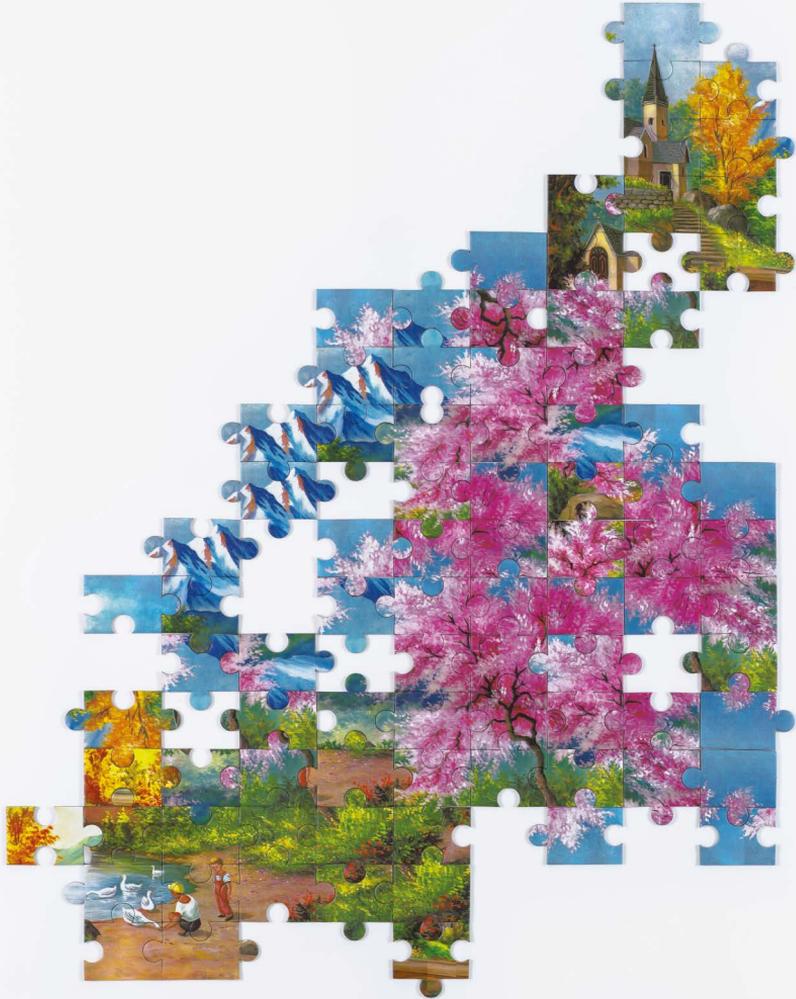
Embora reencontradas na região nordeste do Brasil por meio de meu olhar advindo de outra região – ao extremo sul do país –, essas paisagens ficcionais eram estranhamente familiares. Tão desconhecidas quanto comuns, essas imagens estavam presentes em minhas lembranças mais remotas. Algumas delas, porém, talvez jamais tivesse realmente visto.

Como um dispositivo de memórias, o encontro trouxe à tona inúmeras recordações desordenadas que levavam a distintos lugares como a casa de minha vó, a casa de uma tia, os quartos da minha casa da infância: lugares meus e de tantas outras pessoas, pois tratam-se de imagens seriais culturalmente compartilhadas, frutos da alta reprodutibilidade técnica possibilitada pela indústria cultural. Familiares não só a mim, essas imagens comuns ativam recordações difusas e justapõem lembranças, ao modo de um quebra-cabeça. Constituídas por elementos e signos comuns, todas se sobrepunham de tal modo que borram memórias afetivas de lugares comuns nunca vistos, de lugares sequer reais: paisagens inventadas. Como num jogo, essa confusão de lembranças me sugeriu refletir acerca da potência dessas imagens como metáforas dos arranjos possíveis e inventivos de nossa memória compartilhada, em suas possibilidades infinitas de criação e recriação.

Em seu processo de criação, os trabalhos da série *Paisagem Comum* reúnem fragmentos de treze distintas imagens reproduzidas na forma de quebra-cabeças nas dimensões originais de 30 x 40 cm. Elas foram multiplicadas dezenas de vezes, totalizando 130 paisagens. Suas peças são projetadas a partir de moldes de encaixes universais criados junto a sistemas de impressão gráfica, de modo a produzir milhares possibilidades de combinações. Quanto a seus modos de espacialização, em dimensões variáveis, os trabalhos são propostos na forma de instalações bidimensionais, montadas em seu lugar de inserção como instalações *site-*

specific, ou apresentados enquanto objetos emoldurados como quadros, remetendo a sua origem decorativa-afetiva, como objetos de desejo.

Como modos de instaurar novas paisagens por meio de infinitas combinações, a partir da estratégia de montagem, elaboro recriações e reordenações dessas lembranças para além de uma coleção de imagens difusas, ainda que familiares. Visões panorâmicas de paisagens inventadas e, ao mesmo tempo, comuns: a rememoração dessas imagens reunidas por meio da colagem de tempos, lugares e lembranças convoca a noção de uma memória compartilhada, na qual a recombinação de referenciais pré-existentes funciona como um dispositivo para sua existência. Por meio dessa articulação, ao propor remontagens dessas paisagens, rearticulo lembranças disparadas pelas possibilidades múltiplas de um jogo de quebra-cabeça que reinventa suas próprias possibilidades de significação. Trata-se de uma estratégia de reinvenção, como um verdadeiro quebra-cabeça da memória.





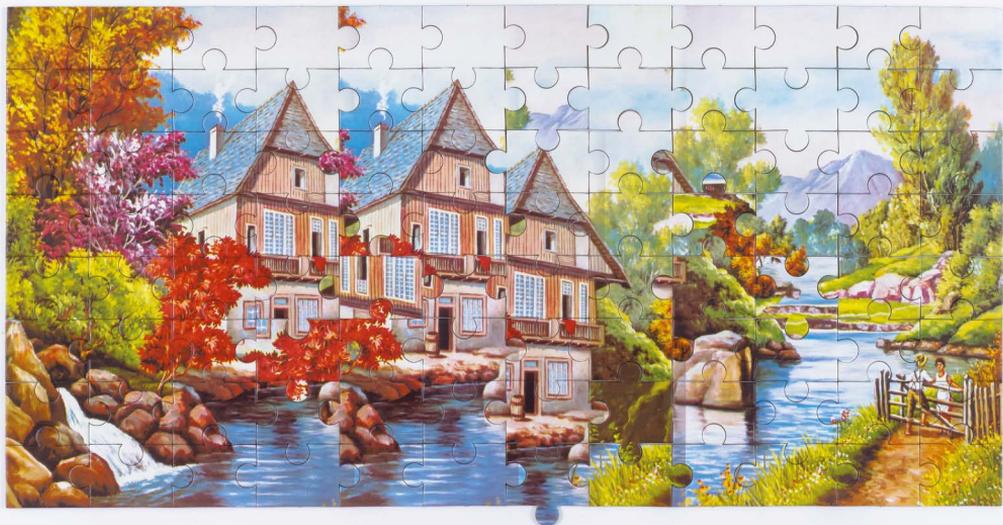
Descaminho, 2017

Papel sobre base em acrílico

60 x 80 cm



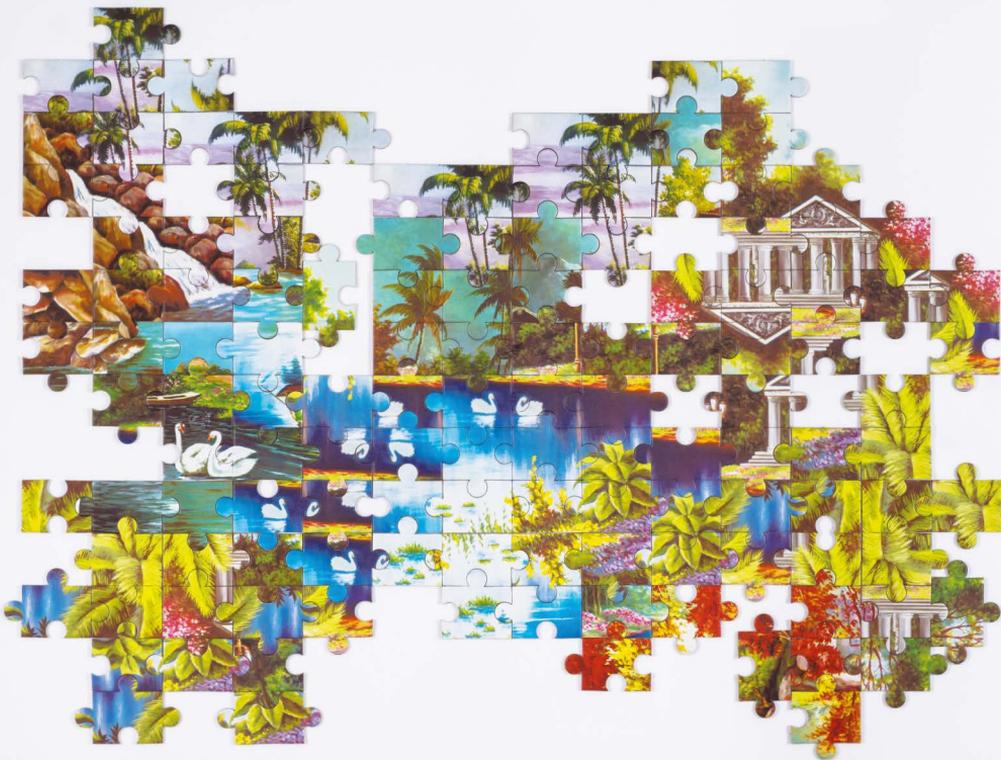
Colônia, 2017
Papel sobre base em acrílico
60 x 80 cm



Ainda paisagem, 2017

Papel sobre base em acrílico

60 x 80 cm



Romântico, 2017

Papel sobre base em acrílico

60 x 80 cm



Tentativa de paisagem, 2017

Papel sobre base em acrílico

60 x 80 cm

English version

TOO MUCH FUSS FOR NOTHING

Sandro Ka and his affectionate games

Carlos Trevi
cultural manager

Sandro Ka was born Sandro Ouriques Cardoso on July 28th, 1981, in Porto Alegre, RS. At the age of twenty he decided to change his signature. Shortened his last name to the easy sounded Ka, like a pop, a boom, a last name to someone with superpowers.

Son of gaúchos Sandra Ouriques and José Bragatto Cardoso, from his mother he was given the masculine version of her name and from his father the ill-fated intent of honouring the grandfather, Ismael. Brazilian at its essence, Sandro is the mixed-race heir of Indians, Africans and Europeans. Received from his parents the encouragement to drawing and from his mother the ability for the job. At the age of three he was already recognized by the aptitude to draw, being oriented to subscribe in an arts course as soon as the beginning of kindergarten. During his adolescence, he participated in a comicbook course, at this same museum that has, in its Salas Negras, the exhibition *Too much fuss for nothing*. In the first room there are representative tridimensional works and, in the second room his late research: the intriguing landscapes printed on puzzling games.

Besides the drawing, his childhood passions have always occupied a place of fantasy, the of game and roleplaying. Comic books, super heroes, animation characters: everything fascinated him. A fascination that came along with pop culture, TV, industrial scale production, accumulation, preservation and collecting. Amongst the children games, the organizing games, caring games, exhibition, gathering pieces, assembling new scenarios and new possibilities were constant.

The discovery of toys came when he started to deepen his knowledge about artists, arts and all its current possibilities, allowing himself to subvert materials and offering new uses to day-to-day objects. Alfredo Nicolaiewsky, Bianca Knaak, Eleonora Fabre, Lia Menna Barreto, Nelson Leirner e Walmor Corrêa are some of the artists that influenced Sandro's gaze, which is clear on his saying: "The ones I wished I could be alike". From this point forward, as an imagetive repertoire, his movement is driven to pop culture and to the mass culture and, in his creations, the appropriation has become an action procedure meanwhile irony was established as a constant language.

His works charm at first sight, because they're fulfilled with affection that, even unconsciously, we have with everything that surrounds us. Toys, plaster pieces, plastic balls, jewelry case,

thumbnails, reproductions: the most diverse objects are interesting for the artist, they're poetically seen "as an invitation to converse and establish new relations". They are unique relations, individualized, attentive to the specific peculiarities that each object carries on its own, even when industrially fabricated on thousand copies.

Like new experiences, here come the puzzles: presented for the first time in this exhibition, they mark the beginning of his latest investigation. They're puzzles from ordinary and familiar images. Images that take the spectator to other places. Places from memory. Dozens of places with the same attributes and elements that seem to merge in one. A memory game to play with memories. A game within the game. A game with infinite combinations, such as an artificial explosion, that only someone with superpowers can gather to form an original image, unique, contemporary, but loaded with affection that comforts us. A game by Sandro Ka.

Too much fuss for nothing

Ana Albani de Carvalho
curator

One of the fundamental pillars of the modern conceptual edification sustains itself on the myth that links art to seriousness, sobriety, absence of superfluous ornaments and the sincere presentation of procedures and materials- as if they were real signs, expressive density and amplitude of the aesthetics experience. In the field of art, a volcano woken by tensions of contemporary social life covered with ashes and smoke the wall that in other times were white and immaculate in this modernist structure, now exposed as carcass and ruins. At the same time, the frontiers open themselves between the consecrated territories to the arts, to the sciences, to the cultural industry, in mixture process about the themes, the procedures and links with the market.

In contemporary art, more precisely, different proposals play with good mood and irony as strategies to fan the fire of the critical thought of both the spectator and the institution that welcomes the piece of art and the exhibit. In Too much fuss for nothing, Sandro Ka uses a powerful tool and proposes assembling games that, purposely, harm the aesthetics rules of "good taste" and the ordinary definitions to what we get by "piece of art". Plaster and china

statues, plastic dolls: they are diverse objects that we can find in any store- made in China- of any city, that constitute the repertoire explored by the artist.

The interaction and the crossings between different contemporary visual arts culture areas and the short circuit amongst the popular and the erudite observed in the work of Sandro Ka don't eliminate the necessary attention to the inherent debate for the art history. His procedures are based in the principles of appropriation, in the Dadaist ready-made mat and in the Pop Art marks, having the strategy of assemblage as a conducting wire of gathered work in *So Much Fuss For Nothing*. It is convenient to remember that the assemblages, that is, a combination amongst fragments, materials and objects of different origins in a common territory, set a critical passage to the discussion about sculptural language and to the expansion of its boundaries while artistic category throughout the object question. The object, when it crosses the frontiers of the artistic field, puts in scene the debate about the importance of making, alongside "craftsman" of the artwork, of the artist hand branding as a condition to its work authenticity. The paradigm of exclusivity of aesthetics function also is

claimed by works of art using objects, in the level in which the object brings a utilitarian brand and the social reality of its functions while an object that is for sale. In the case of objects and images chosen by Sandro Ka, in a more specific way, the idea of triviality or of a common place is gathered, which brings us to a thought about the place and the value attributed to the Art and to the Culture (like that, with capital initials) by the contemporary society.

On the other hand, what an artist does while art- the intentionality that guides his options by determined materials, procedures, language, themes and concepts- does not look to direct, in a more closed and direct way, the reception by part of the spectators public. In this way, it is possible to consider that contemporary art operates with a dissent notion, presented by the philosopher Jacques Rancière¹, as "a sensitive organization in which there is no reality hidden under appearances, no unique regime of presentation and interpretation of the information that imposes to all its evidence"¹. It matters more to unsettle the look, the sense production, the places of power over who can or cannot determine what is art, what is beautiful, and what is there of truth or fiction in each narrative and in each narrator.

¹RANCIÈRE, Jacques. *The Emancipated Spectator*. São Paulo: Martins Fontes, 2012. Page 48.

The assembly procedure, which Sandro Ka uses in his objects and puzzles, converts itself in a “beginning of construction”. In the terms Adorno thought, to affirm that something is construction is equivalent to put emphasis on the process part and not in the “unity” that could result in a finished product, on which the differences end up flattened. The assembly that affirms a construction character - it can be narrative, can be object- of the image or even from the place occupied by the spectator that makes us think of a “synthesis that maintains itself by the evidence of diversity” and of the tensions amongst different elements that are a part of each piece exhibited in the gallery.

The assemblies presented in *Too much fuss for nothing* at the same time that they present an implicit critique about the society of consumerism in excess- and its voracious logic that transforms everything into a spectacle, into merchandize and, as it follows, into something forgotten- and also reverberates in our affective memory. In a corner of our memories and our drawers, some of these objects and images lay, faded. They are marks of an impulse that we didn't know-or want- to control. In the gallery of the museum, they get another light, another spark, another statute: of an object of art. Souvenir, present, fetish, merchandise, work of art: short-circuit. Too much fuss for nothing? Some art can be fundamentally visual, but they

won't be “more quiet” than others. On the opposite, they make much fuss, for everything and for everyone.

Porto Alegre, winter of 2017.

Common Landscape

Sandro Ka

Artist and researcher

The series entitled *Common Landscape* is a part of my latest research developed during Doctoral in Visual Poetics, in the post graduation in Visual Arts of UFRGS. Proposed in the modalities of installation and sculpture/object, the work is elaborated from the combination of multiple pieces of the puzzle that represent fragments of iconic sights of the mass culture. In new compositions, there is an update of sceneries that are featured in the common imaginary through shared memories.

I realize such investigation as an unfolding of my universe of procedural and thematic interests. In former works using drawing languages, objects and urban intervention, the presence of elements from popular culture and from the industrial culture already were a part of my imagetic repertoire of work. The appropriation also was established as a central operatory procedure and the irony was constantly used as

a figure of speech. Still, a childish imagination and a religious imagination, as well as the quote of icons of arts history and pop culture, have always been themes chosen as explicit to question belief systems, political positions, traditions and behaviors. In general, in my artistic practice, I am interested in the establishment of relationships between elements coming from different contexts with the intention of establishing new reading possibilities. In these works, this re-signification is proposed in the field of the production of new senses, adding symbolic and status values to everyday elements presented in unusual articulations.

The recent research begins with experiments with posters acquired in the Popular Market of Juazeiro do Norte, Ceará, in 2015. At the time, I came across a variety of images that populated my memories: landscapes of bucolic places with cottages, churches, castles, hens, dogs, swans, streams, lakes, multicolored trees, stone bridges, beaten trails and distant snow-capped mountains. They make up kitsch scenarios imported from a Eurocentric aesthetic- almost impossible in our context because of our evident cultural, natural and geographical differences.

Although they were rediscovered in the northeastern region of Brazil through my eyes from another part of the country, these fictional

landscapes were strangely familiar. As unknown as common, these images were present in my most remote memories. Some of them, however, I might never ever had actually seen it.

As a device of memories, the meeting brought to the surface innumerable disorderly memories that led to different places such as my grandmother's house, an aunt's house, my childhood home rooms: places of mine and of so many other people, since they treat culturally shared serial images, fruits of high technical reproducibility made possible by the cultural industry. Relatives not only to me, these common images activate fuzzy memories and juxtaposed memories, just like a puzzle. Consisting of common elements and signs, they all overlapped in such a way that they blurred affective memories of unseen commonplaces, of even real places: invented landscapes. As in a game, this confusion of memories suggested to me the reflection on the power of these images as metaphors of the possible and inventive arrangements of our shared memory, in their infinite possibilities of creation and recreation.

In their process of creation, the work of the *Common Landscape* series gather fragments of thirteen distinct images reproduced in the form of jigsaw puzzles in the original 30cm x 40cm dimensions. They were multiplied dozens of times, totaling 130 landscapes. Their parts are

designed from universal docking molds created alongside graphic printing systems, so as to produce thousands of combinations possibilities. As for their spatialization modes, in variable dimensions, the work is set in the form of two-dimensional installations, mounted at their place of insertion as site-specific installations, or presented as objects framed as frames, referring to their decorative-affective origin, as objects of desire.

As ways of establishing new landscapes by means of infinite combinations, from the assembly strategy, I elaborate re-creations and rearrangements of these memories apart from a collection of diffuse, yet familiar images. Panoramic views of invented and at the same time common landscapes: the recollection of these images gathered through the collage of times, places and memories summons the notion of a shared memory, in which the recombination of preexisting references as a device for its existence. Through this articulation, by proposing the reassembling of these landscapes, I re-enact memories triggered by the multiple possibilities of a puzzle game that reinvents its own possibilities of meaning. It is a strategy of reinvention, as a real puzzle of memory.

**Omnia possum in eu
qui me confortat, 2017**
Plástico e borracha
22 x 9 x 9 cm



Sandro Ka nasceu em Porto Alegre/RS, em 1981, onde vive e trabalha.

Artista visual, designer gráfico e agente cultural. Doutorando e mestre em Artes Visuais (PPGAV/UFRGS), bolsista de pesquisa CNPq, e bacharel em Artes Plásticas - Desenho (DAV/UFRGS). Desde 2003, participa de ações e mostras dentre as quais se destacam o projeto de intervenção urbana *Piscina* (Praça da Alfândega, Porto Alegre, RS, 2015), as exposições individuais *Sorria! Você está Sendo Abençoado* (Centro Cultural Ordovás, Caxias do Sul, RS, 2014), *Deixa Estar* (MACRS, Porto Alegre, RS, 2013) e *Relações Ordinárias* (Paço Municipal, Porto Alegre, RS, 2008) e as coletivas *Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* (Santander Cultural, Porto Alegre, RS, 2017), 1º. *Prêmio Aliança Francesa de Arte Contemporânea* (Paço Municipal, Porto Alegre, RS, 2017), *Mostra SESC Cariri de Culturas* (Juazeiro do Norte, CE, 2014 e 2015), *O Triunfo do Contemporâneo* (Santander Cultural, Porto Alegre, RS, 2012), *Labirintos da Iconografia* (MARGS, Porto Alegre, RS, 2011), *Pixel: Unidade da Ideia* (SESC, Aracaju, SE, 2009), 18º *Salão da Câmara* (Câmara Municipal, Porto Alegre, RS, 2008), 19º *Salão Jovem Artista* (MARGS, Porto Alegre, RS, 2006), *VIII Bienal do Recôncavo Baiano* (Centro Cultural Dannemann, São Félix, BA, 2006) e *Pequenos Diálogos* (Museu da UFRGS, Porto Alegre, RS, 2005), entre outras. Vencedor do *Prêmio Açorianos de Artes Plásticas 2009* na categoria Destaque em Textos, Catálogos e Livros Publicados com a publicação *Relações Ordinárias: Livro-Objeto de desejo* e indicado em outras categorias em 2009, 2014 e 2015. Possui obras em coleções particulares e públicas: Museu de Arte do Rio Grande do Sul - MARGS (Porto Alegre, RS), Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul - MACRS (Porto Alegre, RS), Pinacoteca Aldo Locatelli (Porto Alegre, RS), Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre - UFCSPA (Porto Alegre, RS), Acervo Municipal de Artes Plásticas de Caxias do Sul - AMARP (Caxias do Sul, RS), Museu de Artes Visuais Ruth Schneider - MAVRS (Passo Fundo, RS), Fundação Vera Chaves Barcellos - FVCB (Viamão, RS) e Sesc Juazeiro (Juazeiro do Norte, CE).

Ana Albani de Carvalho nasceu em Porto Alegre/RS, em 1961, onde vive e trabalha. Crítica de arte e curadora independente. Doutora em Artes Visuais - História, Teoria e Crítica pela UFRGS (com estágio na École des Hautes Études em Sciences Sociales, em Paris) e professora-pesquisadora junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV/UFRGS) e ao Departamento de Artes Visuais (DAV/UFRGS). Desde os anos 1990, atua como curadora, com exposições realizadas em diversas instituições públicas e privadas, dentre as quais se destacam *Nervo Óptico 40 anos* (Centro Cultural São Paulo, SP, 2016) e Fundação Vera Chaves Barcellos - FVCB, Viamão, RS, 2017), *Ensaio sobre o Visível* (Galeria Mamute, Porto Alegre, RS, 2016), *Persistência do Corpo*, em curadoria (Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, RS, 2008), *A Medida do Gesto: um panorama do Acervo do MACRS* (MACRS, Porto Alegre e itinerâncias, RS, 2011), *Nervo Óptico: Poéticas Visuais* (PBSA/UFRGS, RS, 1994), *Espaço NO: Expo. Documental* (Fumproarte, MACRS, Porto Alegre, RS, 1995), *Coleção Ruben Knijnik: Arte Brasileira Contemporânea* (MARGS, Porto Alegre, RS, 2001), *Pedro Escosteguy: Poéticas Visuais* (MARGS, Porto Alegre, RS, 2003), e a atuação como consultora geral da mostra *O grão da imagem: uma viagem pela poética de Vera Chaves Barcellos* (Santander Cultural, Porto Alegre, RS, 2007). Em 2015 integrou o Conselho Curatorial do *Projeto RS Contemporâneo* (Santander Cultural). É autora do livro *Espaço N.O. - Nervo Óptico* (RJ: Funarte, 2004), entre várias outras publicações sobre arte contemporânea.

CATÁLOGO

SANDRO KA - TANTO BARULHO POR NADA

ORGANIZAÇÃO

SANDRO KA

TEXTOS

ANA ALBANI DE CARVALHO

CARLOS TREVI

PROJETO GRÁFICO

SANDRO KA

FOTOGRAFIA

FILIPE CONDE

REVISÃO

EVERTON CARDOSO

TRADUÇÃO

NINA GRIECO

AGRADECIMENTOS

AOS MEUS PAIS, JOSÉ BRAGATTO E SANDRA CARDOSO

ANDRÉ VENZON

BARBARA LOPES

CERES STORCHI

JOÃO PEDRO DE QUADROS

MARIELE SALGADO

NIURA BORGES

PAULO AMARAL

RAFAEL ANTUNES DOS SANTOS

VINCENT GOULART

Artista representado pela
Galeria de Arte Mamute (Porto Alegre/RS)
contato@galeriamamute.com.br
www.galeriamamute.com.br



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K11

Sandro Ka: tanto barulho por nada = Sandro Ka: too much fuss for nothing/organização Sandro Ka ; curadoria e texto Ana Maria Albani de Carvalho ; apresentação e texto Carlos Trevi ; tradução Nina Grieco ; fotografia Filipe Conde . – São Paulo: Santander Cultural, 2017. – 48 p. : il. : 15 x 15 cm.

Catálogo da exposição realizada no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli, de 24 de agosto a 24 de setembro de 2017, em Porto Alegre, RS.

Curadoria: Ana Maria Albani de Carvalho.

ISBN: 978-85-65954-12-9 [impresso].

ISBN: 978-85-65954-13-6 [e-book].

1. Arte brasileira – Séc. XXI – Exposições 2. Apropriação 3. Arte contemporânea 4. Escultura 5. Arte-objeto I. Ka, Sandro II. Carvalho, Ana Maria Albani de III. Trevi, Carlos IV. Grieco, Nina V. Conde, Filipe VI. Título.

CDU 730 (083.824)

Catalogação elaborada pela Biblioteca Santander Cultural
Bibliotecário responsável: Rafael Antunes dos Santos – CRB10/1898

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-65954-13-6



9 788565 954136

APOIO

brascril
o acrílico dos seus projetos


mamute
galeria de arte

PPGAV
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS
Instituto de Artes - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

M | A | R | G | S

GOVERNO DO ESTADO
DO RIO GRANDE DO SUL

TOOS
PELO RIO GRANDE

SECRETARIA DA CULTURA, TURISMO,
ESPORTE E LAZER